

LUIZ - MANUEL

CRUEL EUROPA
MÃE DAS UTOPIAS

(poemas)

*Tous les textes présentés sont sous © en faveur de l'auteur, ou des
éditeurs, ou des traducteurs.*

Acabados bisonhos vegetamos
Lá se foram quimeras e enleio
Tanto amámos e tanto desamamos
Mas isso é outro canto outro paleio

Nada merece espanto ou decisão
Desfez-se na memória o vasto império
Ardemos e acabou-se a combustão
Como já se acabou todo o mistério

Meio cansados meio distraídos
Os deuses que nos guiam adormecem
E ficámos embrulhos mal perdidos
À espera do achar que as coisas tecem

Não tenhas medo – e se tens compra um cão
Ou outro bicho estranho que apeteça
Uma cobra de grande estimação
Um amante ou um prego sem cabeça

De que serve trancar casa roubada
Pega num homem escova-lhe o passado
E dá-lhe tudo e até roupa lavada
O medo há-de fugir pra outro lado

Há gente que ancorou em portos idos
E nunca mais as velas fez içar
Sonhos e barcos meio apodrecidos
Ali ficam esquecidos ao luar

E os continentes que no mar boiavam
Ninguém os quis ninguém os foi achar
Distantes florescia derivavam
E nós fechados neste marulhar

Vai à Junta pedir o atestado
Senão por água abaixo o tal abono
Insiste chora canta-lhes o fado
Faz tolices de cão que adora o dono

Corta-lhes voltas mais o desvario
Chega-lhes resmas de papel selado
Exige o selo branco o selo frio
E seja o nosso amor bem carimbado

Mas os filhos? De que país serão?
Norte secreto? Sul das nostalgias?
Ou pertencem a outra dimensão:
Cruel Europa mãe das utopias?

“Grécia, Roma, Cristandade,
Europa – os quatro se vão
para onde vai toda a idade.”

**

“A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.”

Fernando Pessoa – MENSAGEM

Quinto Império

Esse é o nosso destino prometido

A nossa milenária vocação

Quinto Império humilhado e ofendido

A que soem chamar Emigração

Os anos amansaram nossas iras
Um véu de frustração nos diminui
A generosa flor dos tempos idos
Nega-nos fruto e seca jaz em nós

A luz inda buscamos e tão sempre
É diferente a treva que nos cabe
Ínfimas claridades nos enleiam
Mas não demovem o rigor da noite

Da vida nada espera o coração
Da morte ainda menos – remoendo
A nostalgia de uma idade de ouro
A música de um tempo que cessou

Carecemos de estrelas mas sobejam
Pérfidas utopias sombras vastas
Ecoam na memória obscuros gritos
Fechou-se-nos a porta do infinito